

# O antigo Egito

Um passado sempre presente · Com Luís Manuel de Araújo



**13 de setembro**

A geografia e a história do antigo Egito

**20 de setembro**

Um mundo de afetos: erotismo no antigo Egito

**27 de setembro**

A arte egípcia: uma arte para a eternidade

**4 de outubro**

O Além egípcio: a invenção do paraíso

Com este conjunto de conferências, promovido pela Culturgest, pretende-se facultar aos participantes um conhecimento genérico mas essencial sobre a civilização que durante três mil anos floresceu nas margens do rio Nilo, começando por apresentar a geografia e a história do antigo Egito, sublinhando os seus momentos mais significativos do Império Antigo (o tempo das pirâmides), do Império Médio (a *maet* sublimada) e do Império Novo (expansão e cosmopolitismo), e rematando com a Época Baixa (arcaísmos e mediterraneização) e a Época Greco-romana.

Depois entraremos num edificante mundo de afetos, evocando o erotismo subtil no antigo Egito e o papel da mulher

na sociedade, seguindo-se a arte egípcia, vista pelos próprios Egípcios como sendo uma arte para a eternidade, desde a arquitetura e a escultura à pintura e às artes decorativas (artes de metamorfose), concluindo com o Além egípcio e as ideias que dele ressaltam: a invenção do paraíso ridente e a crença na ressurreição (ideias que depois outras religiões e outras culturas irão desenvolver).

## Um mundo de afetos: erotismo no antigo Egito

Entre as suas virtualidades, a civilização do antigo Egito assentou a sua longa vivência no cumprimento das normas humanas, éticas e sociais da *maet* – palavra egípcia com o amplo significado de justiça, retidão, verdade, harmonia, equilíbrio, ponderação, tolerância e bom senso, entre outros elevados predicados, em oposição à vil *isefet* – a injustiça, a maldade, a mentira, a miséria, enfim, o caos. A *maet* era considerada como o mais importante princípio do mundo, fazendo parte dos deveres do faraó manter sempre essa ordem maética. Antes de mais ele devia fazer oferendas aos deuses para que estes impedissem o regresso do caos ao Egito e ao mundo. Acreditava-se que tudo no universo se mantinha harmoniosamente no seu lugar, a nível cósmico e a nível social, graças ao equilíbrio providenciado pela deusa Maet, considerada filha de Amon-Ré, o «rei dos deuses».

Esta propensão, ao menos teórica, para levar a efeito os preceitos maéticos refletiu-se também no âmbito das relações sociais, beneficiando sobretudo os agregados familiares onde a mulher desfrutava de um estatuto de respeitosa dignidade. A imagem da mulher egípcia que nos foi legada pela literatura e pela arte, onde ela está amiúde representada na escultura e na pintura, mostra alguém que tem, em geral, o mesmo tamanho da representação do

seu esposo, pelo que se deduzirá, a partir da iconografia, que o seu estatuto era semelhante ao do homem. Mas convém sublinhar que nas imagens de casais enlaçados é a mulher que passa o seu braço sobre o ombro do marido ou o agarra pela cintura, ou, noutras soluções técnicas e semióticas, vem representada a abraçar a volumosa perna do esposo, cingindo-o a si numa união conjugal que se pretendia indestrutível e eterna – uma figuração apelativa de um mundo de afetos que tipifica a harmoniosa complementaridade do casal.

Se a figura da mulher se perfila nas imagens escultóricas e pictóricas ela também está presente na literatura, desde a clássica forma dos ensinamentos ou instruções que se redigiram no Império Antigo, onde a mulher é vista na perspetiva do homem. Esses verdadeiros manuais de educação política, cívica, social e moral oferecem-nos porventura o retrato mais objetivo e mais isento que podemos ter da mulher egípcia, e resumem, em duas palavras, a nobre atitude a tomar perante uma mulher: consideração e respeito. Desde a velha sociedade reservada e pudibunda do Império Antigo ao Império Novo, e continuando, nas suas ideias fundamentais, pela Época Baixa e a posterior Época Greco-romana, a mulher e o seu ativo papel na família permanecem em muitos textos literários, por vezes em passos de timbre proverbial, onde as várias referências à mulher são bem elucidativas, buscando, em edificante paremiologia, a harmonia social – se bem que em certos provérbios a mulher seja também aviltada.

O maético e equilibrado mundo dos afetos apreende-se também nas pinturas de vários túmulos da região de Lucsor Ocidental, na vizinhança de Tebas-Uaset, a capital do Império Novo. Ali se pintaram alegres cenas de banquetes e desfiles de oferendas, bem como as fainas campestres e os passeios náuticos, em imagens de

QUARTAS-FEIRAS DE 13 SETEMBRO A 4 OUTUBRO 2017 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

felicidade e de bem-estar que se desejavam ver eternizadas, sendo tais cenas propiciadas acompanhadas por hieróglifos que legendam as diversas situações idealizadas nas paredes tumulares, e também concorrem, com a força mágica da palavra escrita e as invocações aos deuses, para que essas cenas se tornassem realidade no outro mundo. Assim, o erotismo requerido para a fruição da curta vida terrena, projetava-se também pela eternidade, dado que os defuntos ansiavam por continuar e renovar no Além paradisíaco os desejáveis jogos amorosos, como no capítulo 110 do *Livro dos Mortos* se afirmava convictamente: «Aqui como e bebo, aqui trabalho e aqui ceifo, aqui copulo e faço amor».

Mas embora, e aparentemente, ansiassem pela outra vida, a vida eterna nos campos de Osíris, os egípcios, ainda potenciais candidatos a múmia, não se mortificavam na sua terra tão beneficiada pela úbere doçura e suavidade da paisagem nilótica. «Goza, faz um dia feliz, não tenhas problemas!» – propõe um texto integrado nos chamados «Cantos de Harpista» que exortam à fruição da vida antes que chegue o momento da partida para o Além, de onde, assevera o mesmo texto, não se volta. Portanto, haveria que viver todos os momentos da vida em toda a sua plenitude, e o amor é um elemento que concorre exitosamente para gozar a vida terrena: «Segue o teu coração e a tua felicidade. Enquanto viveres na terra, faz o que o teu coração deseja!»

Alguns versos dos poemas de amor tingem-se, ainda hoje, de um envolvente e erotizante lirismo: «A boca da minha amada é uma flor de lótus. Os seus seios são mandrágoras», afirma o amado, que depois confidencia apaixonado: «Quando a beijo, quando os meus lábios se entreabrem, sinto-me inebriado sem mesmo ter bebido cerveja». E logo ela, afogueada e ansiosa, responde: «Quando te vejo, vejo a luz... Aconhego-me junto a ti porque conheço o teu amor... Sou para ti como um jardim onde semei flores e plantas perfumadas». Ou ainda, de forma mais ousada e arrebatadora: «Toma os meus seios! Eles transbordam de abundância para ti!»

O crescer das manifestações eróticas ou erotizantes nota-se ao longo do tempo e à medida que o Egito vai entrando em mais íntimo contacto com as culturas

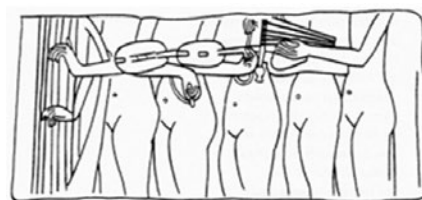
vizinhas da Ásia, aparentemente mais lasciva: na verdade, ao aspeto um tanto pesado das damas do Império Antigo responde o Império Médio com um suave adelgaçamento das formas femininas, e no Império Novo, em especial nas representações dos reinados de Amen-hotep III e Akhenaton, as suas imagens na estatuária, no baixo-relevo e na pintura mostram atraentes e curvilíneos corpos para além da transparência do linho. A posição relevante da mulher do país do Nilo (pelo menos da mulher com um estatuto social digno de figurar nos textos e nas imagens), desfrutando de uma posição superior às das mulheres de outras civilizações contemporâneas, está bem atestada nesta época feliz. Da «revolucionária» fase amarniana acabou por ficar o gosto pelo alongamento dos corpos, as vestes tufadas e transparentes e as poses amaneiradas. Depois, a XIX e a XX dinastias (o tempo da bela poesia lírica e amorosa), continuando pelos tempos seguintes do Terceiro Período Intermediário, legaram amuletos, adornos, óstracos e papiros onde alguns temas de carácter irónico-erótico excedem já o limite ambíguo e fluido do erotismo e entram na pornografia. Em seguida, e com a Época Baixa, a partir de meados do século VII a. C., intensificam-se os contactos com o mundo grego que propiciam uma clara mediterraneização do Egito bem como o crescimento de influências exteriores que alteraram (e adulteraram) as velhas práticas de representação. São deste tempo tardio muitas das imagens com carácter irónico-erótico, onde também se visava a representação obscena para provocar o riso – mas que em todo o caso não deixavam de cumprir a sua função estimulante para a prática da sexualidade.

A verdade é que os antigos Egípcios não se exasperavam nesta vida terrena enquanto aguardavam na sua terra úbere o momento da partida para o outro mundo, onde os esperava um paraíso de bem-estar e abundância e de amor eterno. O erotismo, requerido para a plena fruição da efémera vida terrena, projetava-se também pela eternidade, dado que os defuntos ansiavam por continuar a renovar no Além os jogos amorosos. As estátuas de casais enlaçados e em gestos de ternura, que eram colocados nos túmulos, já nos mostram essa predisposição para o afetuoso enlace

eterno, além de patentearem a dignidade da mulher na sociedade, sublinhando o seu papel como ativa e preponderante «dona de casa» (*nebet-per*), conferindo-lhe uma apreciável capacidade de iniciativa muito superior às mulheres de civilizações coevas – e até mesmo às mulheres de hoje em certos países.

Em suma, a alegria de viver, espelhada desde as pinturas murais das mastabas do Império Antigo, a descoberta do erotismo, patente nos contos do Império Médio, e a posição elevada da mulher na sociedade egípcia de todos os tempos predispunham a cantar o amor, tendo como inspiradoras do afeto, do carinho e do respeito mútuo as deusas Hathor e Ísis, solicitadas para os encontros amorosos.

Afinal, também no afeto e nos subtis meandros da sexualidade e do erotismo se insinua a omnipresente *maet* egípcia, radizando o erotismo e a sexualidade na intrínseca prática comportamental de timbre maético, enquanto vivas manifestações de amor, com uma expressiva dose de humanismo. O Egípcio, cumpridor da *maet* no quotidiano, está bem representado em imagens que a arte nos proporcionou, em especial nas pinturas e relevos tumulares, e aí, nesses reservados espaços de eternidade, ele almeja e antevê a continuação dos prazeres desta vida pelo outro mundo, sem desregramentos ou exibição boçal dos seus sentimentos amorosos – antes pelo contrário, demonstra uma forma sensata e refinada na fruição do erotismo e da sexualidade.



**Luís Manuel de Araújo** é egiptólogo e Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.